

**UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA REGIONAL DE CHAPECÓ-UNOCHAPECÓ  
VICE REITORIA DE PESQUISA, EXTENSÃO E PÓS GRADUAÇÃO  
CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA-CEOM.  
PROJETO PATRIMÔNIO ESCOLA COMUNIDADE – CAXAMBU DO SUL**

ENTREVISTA N°      PASTA:

ENTREVISTADO: VALDECIR CECCON ( VC)

**ENTREVISTADOR: ANDRÉ LUIZ ONGHERO (AL)**

Transcrição: Juliana Schutz

Revisão: André Luiz Onghero

**Entrevista realizada com a Sr Valdecir Ceccon, no dia dia 29 de maio de 2008, em Chapecó, às 10:17.**

**AL: Bom dia seu Valdecir.**

VC: Bom dia.

**AL: Tudo bom com o senhor?**

VC: Tudo bom.

**AL: Eu gostaria que o senhor contasse então sobre a sua vida em Caxambú do Sul. Hã...Qual a data do seu nascimento?**

VC: É 20/03/42.

**AL: E o senhor é nascido em Caxambú do Sul?**

VC: Nascido lá em Caxambú do Sul.

**AL: E onde a sua família morava em Caxambú do Sul?**

VC: É lá na Linha Ceccon mesmo. Lá na comunidade, Linha Ceccon.

**AL: Isso, e o senhor tinha muitos irmãos?**

VC: Eu tinha nove irmão. Sete filho home, duas mulher. Inclusive três, uma faleceu com sessenta dia de vida.

**AL: Nossa!**

VC: Senão seria dez né.

**AL: Uhum. E qual é o nome do seus pais?**

VC: O pai era Angelo Ceccon, e a mãe era Luíza Marangoni.

**AL: E eles vieram pra Caxambú do Sul de Rio Grande do Sul?**

VC: Isso vieram de Itapuca, que diziam lá, Soledade lá prá baxo.

**AL: E eles contaram pro senhor como é que, que foi essa vinda deles prá Caxambú do Sul?**

VC: Eles contavam ih. Eles saíram de lá dia 5 de junho, se eu não me engano, dexa eu... 5 de junho de 36.

**AL: E eles foram de carroça pra Caxambú?**

VC: De caroça. Vieram de caroça. Vieram... É vinham vindo né. Um dia, depois posava, e depois vieram aqui nós tinha, eles tinha um primo, aqui em Chapecó, um tal de Martin Girardi. Que hoje os filho tem Comercial Girardi ali, que seriam primo, daí ele fico lá 30 dia parece, depois de lá num outro. Depois de um mês desceu ele com a caroça lá em baixo, na comunidade vizinha lá, que seria o Grêmio da Serraria hoje.

**AL: Na época era Grêmio da Serraria?**

VC: Grêmio da serraria. Mas a comunidade é a terceira comunidade pra cá né. Daí se instalô na casa de um tal de João Locatelli.

**AL: Hum.**

VC: Dali ele fico lá, daí ele ia mais 10 quilometros pra frente trabalhá todo dia, lá na comunidade.

**AL: Na Linha Ceccon.**

VC: Linha Ceccon.

**AL: E... E ele contou prá você como foi das terras? Se ele, como ele comprou as terras? Como é que foi?**

VC: É aquele tempo, ele veio prá cá, parece que ele tinha 70, que ele falava lá, 70 conto de réis. Era... era na conta mil réis era.

**AL: Mil réis isso?**

VC: É. Isso, mil réis. Ele com aquele dinheiro, ele compro 7 colônhia de terra aí. Que... que é quando ele formou a comunidade, que é a Linha Ceccon hoje né.

**AL: E tem esse nome Linha Ceccon por causa dele?**

VC: Sim. Por causa dele.

**AL: E ele que foi o primeiro morador lá?**

VC: Foi o primero morador. Inclusive ele cada um que vinha, por exempro, daí veio, o primero que veio foi o João Mocelini. Que era cunhado dele.

**AL: Aham.**

VC: Daí ele deu uma colônia.

**AL: Ele deu pra o cunhado?**

VC: Ele deu pro cunhado. Depois veio o tio Dorico, não tio Luiz, que era irmão dele. Mais uma colônia. Tio Dorico mais uma. E tio Gobino que era irmão dele, e cada um foi dando uma colônia. Pra formá uma comunidade.

**AL: E... e depois eles tinha que pagá com a produção e tal ou não?**

VC: Não, acho que não. Era, por exemplo era assim, lá o finado nono, ele deu aquele dinheiro pra ele vim pra cá compra as terra. Por isso cada um que vinha ele dava uma colônia.

**AL: Ah tá.**

VC: É, ele era o mais velho da família né...

**AL: Isso. Aí ele foi levando a família toda prá lá.**

VC: Toda prá cá.

**AL: E aí foi vários da família então?**

VC: Sim, veio tudo. Daí veio vindo. Veio 2 cunhado, que era tio Zanini, Mocelin e o tio Perin. E mais os irmão dele. Daí foi formando a comunidade.

**AL: Uhum. Há tá aí ficou todo mundo parente aí.**

VC: Tudo parente. Inclusive até hoje tem 90 por cento ainda da comunidade que são tudo parente.

**AL: Uhum.**

VC: São tudo parente. Tudo família.

**AL: E o que todo esse pessoal, eles faziam lá? Era tudo na agricultura? Tinha outras atividades?**

VC: Não. Não. Tudo na agricultura.

**AL: Tudo na agricultura.**

VC: Trabalhava na roça.

**AL: Plantavam que produtos certo?**

VC: Feijão, milho, primeros tempos. Depois dali, dali duns tempos começo a aparece a soja né, que não tinha.

**AL: Uhum.**

VC: Não tinha né. Foi plantado soja, feijão, milho e soja. Arroiz, ma arroiz era só pro gasto.

**AL: Há tá. E esses produtos eles conseguiam faze prá vendê tamém?**

VC: De começo não. De começo eles não tinha comércio, né. Então eles produziam, aquilo lá pro gasto, o que sobrava tinha que jogá fora. Eu já participei quando vinha nova safra, por exemplo, nós tirava o milho do paiol, da cantina que nois dizia né. Jogava fora prá ponha milho novo, por que não tinha comércio. Depois, dali uns tempos apareceu um tal de Zanprogna lá, não sei como era o nome dele, mas acho que era Zanprogna, daí conseguiu uma carrocinha com terno de mula.

**AL: Uhum.**

VC: Daí ele começou o comércio. Daí ele passava na comunidade com aquela carrocinha e pegava o que sobrava, né, por exemplo, a banha do porco, se sobrasse né. O milho foi bem mais tarde. O milho foi ali por meado de 48, 49 por aí, que começô entrá o comércio. E aí começô o comércio do milho.

**AL: E ia de caminhão? Ou com essa carrocinha?**

VC: De começo era caroça. E depois sim, depois o comerciante lá que entrô lá, um tal de Dorino Giacomelli, Primo Giacomelli que era o pai dele. Eles conseguiram comprar um 29, um caminhãozinho 29.

**AL: Aí ia da cidade lá busca...**

VC: Isto. Daí o Seu Antônio puxava, tinha o comércio, co'a carocinha, o terno, os Giacomelli puxava. Aquele tempo diziam que iam prá Joaçaba, Passo Fundo né.

**AL: Há tá. Mas da Linha Ceccon até a cidade ia com a carrocinha?**

VC: Com a carrocinha. Não tinha estrada ainda.

**AL: Não tinha estrada?**

VC: Não, era só um picadão aberto ao meio por picareta.

**AL: Ah, da família de vocês que ia vê.**

VC: Isto. Toda, por exemplo, as família se reunia. Por que aquele tempo não tinha imposto, que eles dizia o INCRA.

**AL: Uhum.**

VC: Eles tinha que doa 7 dia por ano pro governo. E aquele 7 dia cada família tinha que faze prá eles, daí eles faziam a estrada.

**AL: Ah tá.**

VC: Manutenção de estrada era aquilo.

**AL: E conta um pouco como que era assim o trabalho da família? Por exemplo assim, estavam todo mundo ali parente, então eles tinham alguma forma de trabalhá junto? Alguma forma? Dividia os alimentos? A produção?**

VC: Dividia... Era assim, por exemplo, a família que tinha, aquele tempo que os porco que sobrava assim engordava. Bom, hoje quantos porco, por exemplo a família do tio Perin tinha prá mata, 9, 8, 7, 6, conforme. Então se reunia aquelas família tudo lá. Matava os porco, e... e faziam a banha, por que o resto fazê o que, não tinha comércio. E a carne então eles, eles ponha, eles tinham um, cada um tinha um tambor assim, enchia de, ponhava aquela banha, né, e ponhava a carne dentro e se mantinha.

**AL: Era frita né, a carne que botava dentro...**

VC: Isto. Ponhava lá dentro.

**AL: E salame também.**

VC: E salame também. Daí o salame eles faziam. O salame.

**AL: Mas é o resto que o senhor fala seria o que então? Por que vai todo porco aí.**

VC: É, ma o resto por exemplo, o que sobrava fazê o que? Não tinha como, não tinha comércio. Eles tiravam o que era aproveitável, por que eles...

**AL: Mas tipo o que sobrava?**

VC: É, por exemplo, eles tiravam a carne e depois aquele resto, por exemplo, jogava fora.

**AL: Os ossos.**

VC: Os ossos, essas coisas jogava fora.

**AL: Tinha famílias também que pegava essa carne mais dos ossos e também fritava.**

VC: Sim. Tinha costume.

**AL: Mas daí não se usava daí.**

VC: Não, por que tinha de sobra.

**AL: Tinha bastante, mas que bom tinha bastante abundância.**

VC: Abundância de carne, essas coisas. Daí era, outra...

**AL: Daí fazia e o salame então, a carne e a banha e tal e dividia entre quem participou daí?**

VC: Isto. Dividia por exemplo, daí gastava aquele, depois um outro engordava os porco, fazia a mesma coisa.

**AL: Ah tá.**

VC: Mas era em tudo. Eu me lembro, desde uma galinha. Então era 2 família que tinha, por exemplo, que não tinha freezer, não tinha geladeira, e uma galinha as vez sobrava, então matava a galinha e duas vizinha fizemo então um pedaço cada um. Daí outro dia outras vizinha, e assim ia.

**AL: E assim por que não tinha luz, não tinha como guarda né.**

VC: Não tinha como guardá, né.

**AL: Mas então é assim todo mundo tinha proximidade de trabalho...**

VC: Aham. Tinha.

**AL: Pra se ajudá. E também na lavoura trocava dias também**

VC: Era tudo, era tudo assim. Era tipo, como é que se falava, falavam puxirão naquele tempo.

**AL: Puxirão?**

VC: Então, por exemplo, a nossa família tinha um hectare de feijão pra arrancá, então bom amanhã é seco meu feijão todo mundo aqui. Então vinham tudo, faziam almoço de meio dia, e arrancava todo feijão malha, tudo. Era assim.

**AL: Por que era tudo a mão né, ferramenta assim. Não tinha nenhuma máquina né.**

VC: Tudo, tudo manual né.

**AL: E as casas, como eram as casas do pessoal?**

VC: As casa, era casa de costelão, que diziam né refilão. Aquele tempo falavam em refilão.

**AL: Que seria o que?**

VC: Seria assim, eles tinham um, cortavam a madeira né e com, com a, a serra eles colocavam ela em cima do poste. Um embaixo, outro em cima e ....

**AL: Ah o serrote né.**

VC: É, tipo um serrote, ma cumprido com dois cabo.

**AL: Dois cabo.**

VC: E abria elas no meio, daí ponhavam de pé e faziam a parede. E o chão era chão natural.

**AL: Chão de terra.**

VC: Primera casa, primera casa que eu morei era chão natural.

**AL: É.**

VC: Chão de terra.

**AL: E ficava bom de mora? Assim era tranquilo?**

VC: Ma, tá loco era uma beleza.

**AL: É.**

VC: Eles faziam buraios. Não sei se você ouviu falar do buraios?

**AL: Não, o que que é isso?**

VC: Isso aqui era, eles pegava a, por exemplo, metro, um metro e meio de madeira, de tábuas né. Um metro e meio por um metro e meio, e enchia de terra e daí fazia o fogo em cima, e pindurava uma corrente e pnhava as panelas e fazia fogo né.

**AL: Há um tipo de fogão então.**

VC: Um tipo de fogão deles, era isso aí. Era o buraios.

**AL: E as panelas aí vinha tudo do Rio Grande?**

VC: É, as panelas era tudo de ferro .

**AL: Ferro...**

VC: De ferro, não tinha nada de alumínio, inox, essas coisas não tinha.

**AL: É os pratos era de que?**

VC: Os pratos era de, era de, de lata.

**AL: De lata?**

VC: Lata, era os pratos de lata assim. Não era alumínio, era ferro assim. Pratos...

**AL: Latão?**

VC: Latão.

**AL: E veio também tudo de lá?**

VC: Veio, eles trouxeram de lá.

**AL: E aqui não tinha como fazer né.**

VC: Não, depois ali, não de comê. Depois... um tal de Albano Gilioli começou um comércio em Caxambú, daí ele, ele tinha aquilo lá. Daí eles compravam.



**AL: Ah tá.**

VC: Depois, depois ali mais uns anos ali foi o Giacomelli, que daí numa outra comunidade mais perto começo mais a, o comércio.

**AL: Uhum. E, então o senhor falou da cidade, o senhor lembra da cidade? Como é que era mais antigamente assim? As lembranças mais antigas?**

VC: Ma que cidade? tinha.... A cidade era Caxambú, ali no município hoje. Tinha o comércio, era o Albano aquele que dizia que, e mais, mais uns polonês lá, que tinham um mais pro rio, que foi matado , os pais dizem né, pra roba o dinheiro. E tinha aquela...

**AL: O senhor poderia contar a história desse polonês que foi assassinado?**

VC: É, eu não cheguei a... por que foi, eu era criancinha. Eu sei o que os pais falavam. Diz que eles eram, vieram não sei da onde. Eles colocaram comércio, e diz que ali um belo dia amanheceram morto né.

**AL: A família toda?**

VC: Só os dois.

**AL: Ah, o casal?**

VC: Era só o casal.

**AL: Ah tá.**

VC: Parece que foi assim os... Como é que, hoje em dia seria o sequestro né, ladrão né. Vieram ali mataram e levaram o dinheiro que tinha.

**AL: Uhum. Sim. Por que eu pergunto, por que eu também ouvi outra pessoa contando. Daí se já tivesse mais detalhes.**

VC: É. Não, não eu ouvia mais os pais falá, eu não cheguei a conhece eles.

**AL: Sim.**

VC: Eles...

**AL: E essa história de banditismo né, o senhor sabe mais coisas talvez que aconteceram?**

VC: É, aquele tempo né, era até proibido, né, então não sei se tu ouviu fala que as criança, por exemplo, até 14, 15 ano não podia escutá os pai fala né.

**AL: Ah, era um costume isso?**

VC: Era um costume. Proibido. Quando chegasse um pessoal, por exemplo, uma pessoa lá em casa começasse a fala de uma coisa, as criança tinha que saí.

**AL: Hum.**

VC: E daí nois, nois sabia alguma coisa por fora, assim, muito... Mas sei que o negócio de banditismo lá, por exemplo, aquele primeros tempo, tinha uns tal de Baitaca que falavam que era bastante perigo naquela região. Era o, como se diz o... era o xerife lá.

**AL: Xerife ele?**

VC: É.

**AL: Ah.**

VC: Dizia. Bom daí foi, foi, foi matado. Depois aparecia um tal de Abrelino, mais xerife tamém. E assim foi indo, foi calmando, calmando.

**AL: Aham.**

VC: Cada vez menos. A lei, por exemplo, foi entrando. Tempo, os primeros tempo nem lei não tinha. Nois era, era quem fazia a lei era o 38.

**AL: Era quem tinha uma arma que mandava, né?**

VC: Que tinha arma que mandava.

**AL: E da família de vocês daí lá também precisava ter arma e coisa? Ou não tinha?**

VC: É, o tempo do meu pai sempre ele, ele contava que ele saia, então nois saia junto. Quando nois era, nois ia nos baile, ele ia com o facão de um lado, revólver do outro.

**AL: Ah, e já precisou alguma vez utilizá?**

VC: Não. Não. Nunca. O finado pai nunca atirô em ninguém. Nunca ninguém... Só diz, ele falava que o tempo que ele morava lá no, nesse Ja, nesse Locatelli, do Genuíno Kaifer, ele descia 10 quilometro. Disse que quantas vez o, os home seguiam ele, e aí ele com o revolver e o facão na mão sempre. Por que ele trabaiava até à noite, então prá subi de noite, ele tinha que subi de noite, né.

**AL: Ah tá.**

VC: Ele contava que quantas vez ele ia com o revolver na mão, e o lampião né.

**AL: Aham.**

VC: Prá enxerga o carrero. E... Disse que nunca foi atacado. Nunca, ele nunca atingiu ninguém.

**AL: Ah tá. E... Mas e vocês já viram algum baile dá... Dá briga, dá coisa assim ?**

VC: Sim. Ah é, depois que eu fiquei um poco grande, e quantas. Não briga de morte, mesmo não.

**AL: Ah tá.**

VC: Nunca vi.

**AL: Uhum.**

VC: Uma briguinha assim, de, sabe, de se cortarem com facão, de se dá uns tiro assim...

**AL: Aí...**

VC: Isso vi bastante. Mas assim de dizer que mataram alguém. Não, eu fui depois que aconteceu, eu fui vê quantos né. Por exemplo, finado Baitaca eu fui, finado Renino fui...

**AL: E o senhor foi no enterro?**

VC: É. Fui vê ele morto.

**AL: Há foi vê ele morto, que foi assim de dia e tal?**

VC: É aquela história do finado Baitaca eu, eu era criancinha, criança não, eu tinha uns 14 ano. Foi assim eles tavam, eles tinham uma festa na outra comunidade lá pro lado de baixo. Eles tavam jogando o dito 9.

**AL: Não sei como é que.**

VC: É um jogo. Jogo proibido.

**AL: De baralho?**

VC: De baralho. E daí ele diz que tava aquele xerifão ali. Daí tinha um tal de Agenor Bileski, um piazzino. E...Daí eles tavam jogando. E daí o, aquele Baitaca disse “jogue piá!”. “Não senhor”, diz “eu não joga baralho, não tenho dinheiro prá joga”. Diz o... “Ou tu joga ou te passo a sarapico”. Dizia aquele tempo tinha sarapico.

**AL: Que era o que?**

VC: Era um chicote de três tento.

**AL: Ah tá.**

VC: Ele usava sempre aquele Baitaca, usava sempre no braço. E o revolver é claro, sempre na cintura. Daí o piá disse, “não senhor diz eu não vou jogá”, disse. “Escolhe”, diz ele, “ou tu joga ou te passo o sarapico”. “Não, qué passá o sarapico...” E ele levanto a sarapico e o piá deu um empurrão nele assim e ele saiu corrido. E ele saiu de atrás assim. Foi, foi. Diz que foi assim uns 100 metro, tinha uma sanguinha, e lá morava o Nelso Mistura, ele pulou a sanga, e o veio Adelino, e o véio Baitaca chegô até ali e voltô. Chego ali onde nois tava jogando baraió, “é o piá mesmo me matô”. E sento na barranca, e assim abriu a boca e morreu.

**AL: E o piá tinha atirado nele?**

VC: Não, ele tinha a faquinha, uma faquinha dessas inox que antigamente usava como, como é que se diz, é como jóia né. Não se tu ouviu falá? É tudo prata.

**AL: Ah tá.**

VC: Era uma faquinha que não era proibida usa. Era uma faquinha assim...Era uma enfiada numa... Parecia bainha de prata né. Nois usava, tudo mundo usava. E ele tinha parece que a hora que ele virô, ele puxô a faquinha e empurrô. Deu uma... Deu bem no coração dele.

**AL: E aí morreu o Baitaca?**

VC: Ma ele foi longe. Depois que ele voltô, ele morreu.

**AL: Olha só.**

VC: Chego ali e morreu daí. O veio Abrelino tamém depois foi matado, fui no velório dele. Aqueles valentão fui lá vê. Ma assim eu...

**AL: E desse o senhor sabe como foi também a morte dele?**

VC: Aquela foi terrível. Foi o filho dele, o Nelso que matô ele.

**AL: É. Mas por que será?**

VC: Não ele era bandido né, era bandido. Assim... Daí ele... Diz o Nelso que nem foi prá cadeia nada. Nem teve processo nada. Que ele surrava a mãe dele, daí ele dizia pai “para de surrá a mãe, por que...” “Há você não tem, não tem corage de mata o pai”. “Ma tu pare...” Daí ele disse que um dia que ele, ele era músico, músico assim, tocava sabe.

**AL: Tocava violão?**

VC : Violão.

**AL: É.**

VC: Ele chegô em casa, e o pai chego bêb, meio bêbido né. E...E daí ele começo a inticá com a mãe. E ele “pára pai, pára”. E ele não foi para, diz que não, e foi. Daí, parece que o piá embrabeceu, ele disse “ou tu para ou te mato”. Então disse, “se tu, se tu tivé coragem atire no pai”. Diz que o piá atirô, e aí ele disse, como é que foi a história... Depois ele gravou um disco o piá... Daí ele disse “se tu tive corage” diz, “atira no véio”, e diz “atira na boca dele”. Daí então diz “tu abre a boca”, ele abriu a boca e ele atirô.

**AL: E o músico é esse filho dele?**

VC: O Nelso, aham.

**AL: O Nelso que daí ele gravou e tal depois?**

VC: Sim. Depois ele gravo a música.

**AL: Ah...**

VC: Ele gravo a música. Ele gravô um disco assim, ele fez a música.

**AL: Que conta essa história aí de quando ele matô o pai dele.**

VC: De quando ele matô o pai dele.

**AL: Ah tá.**

VC: Mas se tu for, não sei lá se tu consegui lá, se tive alguém, parente dele, tu acha ainda aquela música . Depois eles vivem assim numas família (...) aquilo lá era....

**AL: Era Nelson do que?**

VC: Texera.

**AL: Nelson Teixeira.**

VC: A, que ele matô o próprio pai.

**AL: E o pai dele, nome dele era?**

VC: Abrelino.

**AL: Abrelino Teixeira.**

VC: É, aquela vez foi terrível a morte. O próprio filho matô.

**AL: E, e o senhor sabe prá que lado que eles moravam ali em Caxambú?**

VC: Ali na Volta Grande, lá embaixo.

**AL: Ah tá, lá embaixo.**

VC: Inclusive a semana antes o... Eu fui trabalha lá prá ele o... Nois saía trabalha, assim pra ganha uns troco.

**AL: Hum.**

VC: Fomo maiá feijão prá ele. E depois na outra semana, aconteceu aquilo lá.

**AL: Esse maiá feijão que o senhor fala como é que é ? É bate ele, né prá saí o...**

VC: A manguá né.

**AL: Com aquele né, tronco de madeira segura duas...**

VC: Amaravam duas madêra, né, uma na outra, daí tu pega de um lado.

**AL: Dois tronco né de árvore.**

VC: Isto.

**AL: E aí amarrava com, com uma...**

VC: Corda.

**AL: Cordinha ali...**

VC: Aquele tempo nois tinha....

**AL: Daí chamava de manguá?**

VC: Manguá. Nois fazia o os tento, né. Dia que matava um boi, uma criação e tirava o os tento, e fazia aquilo.

**AL: Ah, os tendões assim.**

VC: Isto, prá amarra um com o outro.

**AL: Ah tá. Ah que legal. E o senhor tava falando dos bailes antes né, e, como é que era antigamente os bailes? Que hora começava? Como é que era?**

VC: Ah, os baile, nosso, nosso tempo era, começava com o sol. Quando o sol tava meio metro assim, começava os bailão.

**AL: Hum.**

VC: E ia até no amanhecê, tinha que clarear o dia prá termina os baile.

**AL: E o pessoal ficava a noite inetira?**

VC: Ficava a noite inetira. Não tinha... É, não quem quisesse sai, saía.

**AL: Aham.**

VC: Ma a maioria ficava até final do baile.

**AL: E a música como é que era?**

VC: A música era, era um gaitero, um cantador, um violom. As vez tinha violom, as não tinha.

**AL: Tudo com luz de lampião daí?**

VC: E tudo lampião daí. Era lampião. Inclusive não tinha músico. Assim contratavam fulano, ma daí tocava em 40 mais ou menos.

**AL: Quem sabia tocava.**

VC: Quem sabia subia no...

**AL: Há, ia um pouco cada um daí.**

VC: Um poco cada um.

**AL: É, que imagina se era a noite inteira né.**

VC: Sim, era daí todo mundo ia lá prá se apresentá e tocava duas ou três peça. Daí trocava e pegava um outro, e assim ia.

**AL: E o pessoal dançava a noite inteira?**

VC: A noite inteira, isso não tinha.

**AL: E tinha comida e bebida também?**

VC: Não, não tinha. Tinha copa né, por exemplo, as vez tinha baile que fazia copa pra vendê né. Tinha por exemplo, eles faziam bolo, pudim, ponhava numa partelera, daí tinha o dono aquele baile. Daí uma horas em diante começava a vendê.

**AL: Ah. E prá entrar tinha que pagar ingresso ou não?**

VC: Tinha que paga entrada né.

**AL: Há tinha.**

VC: Pagava...

**AL: E era feito a onde esses bailes?**

VC: Mas era nas comunida...Nas casas.

**AL: Nas, nas casas das pessoas?**

VC: Nas casas. Nas casas das pessoas, não tinha, por exemplo, salão comunitário. Essas coisas não tinha.

**AL: Isso não tinha. Como é que tinha espaço na casa?**

VC: Ma o pessoal fazia né. Fazia casa depois, não os primeiros tempos. Mas depois quando começo a estruturá, começô a vim povo. Eles faziam a casa e deixava no meio da casa eles faziam a cozinha, a sala, e os quarto. Daí a sala...

**AL: Na sala fazia o baile ?**

VC: Fazia o baile.

**AL: Ah. Casa tudo de um andar só? Assim não era...**

VC: É, tinha de dois andar também.

**AL: E daí fazia no porão daí?**

VC: Não, fazia no primero piso. Não no porão.

**AL: Ah tá. O porão guardava o salame...**

VC: É, eles faziam o porão, depois um piso, depois outro.

**AL: Daí no primeiro fazia...**



VC: Fazia o baile.

**AL: Por que as famílias eram grandes também né? Tinham bastante...**

VC: Sim. As família era, era tudo de 8, 9 filho.

**AL: Uhum. E lá na família de vocês também fizeram baile lá?**

VC: Fizemo, o finado pai fez sim. Quando, quando conseguimos fazê a casa nova, cailcula, quem fazia casa nova inaugurava, era um baile.

**AL: Ah, era costume então?**

VC: Costume, costume era inaugura a casa, faze baile.

**AL: Aham. Quando fazia daí essa casa maior que já não era mais chão batido...**

VC: Sim. Sim, não. Quando, quando nois fazia a casa. Primeros tempo eu não sei como é que eles dançavam nos piso bruto, diz que. Assim não tinha... Deixava bem plaininho dançava ali em cima.

**AL: E nesses bailes iam a família inteira, assim criança, todo mundo?**

VC: Todo mundo. Ia a família com a gente inclusive. Que nem nois, ia primeros tempos eu me lembro, nois ia de carguêro.

**AL: Como?**

VC: C'o carguêro. Era assim ...

**AL: O... Cavallo?**

VC: Os cavalo com 2 cesto, né. Daí o pai e a mãe ia na frente puxando cavalo, e nós filho tudo dentro do cesto.

**AL: Dentro do cesto? Ah, ma aí eram pequenininho então?**

VC: Sim, nois era tudo criança.

**AL: Aha. E eu queria pergunta uma coisa, e, o pessoal trabalhava a semana inteira né?**

VC: Semana intêra.

**AL: Direto, né, puxado. E aí no sábado era o baile?**

VC: No sábado de noite era o baile.

**AL: E o pessoal tinha disposição assim pra dançá a noite intêra?**

VC: Nossa. Calcula home. Isso aí era... Antigamente era...Quando tinha um baile era aquele comentário, 15 dia antes.

**AL: Ah marcava antes já?**

VC: Sim. Aqueles dias, e depois aquele sábado. Dia do baile, de manhã era só fazê o serviço, nem na roça não ia ninguém. O pai dizia hoje vocês fazem tudo o serviço, de tarde tomá os banho, e se prepara pro baile.

**AL: Há, trabalhava só de manhã. E no domingo daí?**

VC: E no domingo nós ia no terço.

**AL: Mas depois do baile também ia no terço?**

VC: É. Depois, por exemplo, quem ia no baile no outro dia tinha obrigação, tinha que i no terço.

**AL: E era de manhã o terço?**

VC: Era de tarde.

**AL: Ah de tarde. De manhã podia descansar daí?**

VC: Sim. De manhã podia dormi. E de tarde era o terço. Sempre foi de tarde.

**AL: E como era os costume assim de, de comida, né, no domingo? Por exemplo, fazia churrasco, como é que era?**

VC: Que churrasco, era só, assim a galinha, né, que matavam a galinha.

**AL: Ah. Churrasco era só quando matavam uma criação?**

VC: Churrasco só na festa.

**AL: Só na festa?**

VC: Nois tinha na festa.

**AL: Tipo de casamento?**

VC: É. Ou eles tinha a festa da comunidade né.

**AL: Que era uma vez por ano?**

VC: Uma vez por ano, ali era churrasco.

**AL: Dali matavam o...**

VC: Ali matavam a criação.

**AL: Por que gado tinha pouco né?**

VC: Gado tinha pouco. Tinha que, tinha que prepará, por exemplo, tinha um ano pra prepara né pra fazê a festa da comunidade.

**AL: Por que como é que era o gado que tinha, mais era assim vaca de leite e tal?**

VC: Ma que, vaca de leite era uma por família, quem tinha.

**AL: Ah. Tinha família que nem isso não tinha.**

VC: Quem nem isso não tinha, primeros tempos não tinha. Era quem conseguia uma vaca de leite, era um fulano de tal.

**AL: E que animais geralmente tinha porco, galinha?**

VC: É, porco, galinha e... algum, que tinha algum cabrito, ma era algum.

**AL: Aham.**

VC: Ovelha também. Primeros tempos não tinha, depois começo a aparece ovelha.

**AL: Cavalo também era difícil de tê?**

VC: É, cavalo tamém era o, era o automóvel quem nem hoje.

**AL: Quem tinha era rico?**

VC: Era rico. Cavalo bom, Deus o livre.

**AL: E mula, também era mais comum ter mula ou não?**

VC: É. A mula tamém era, era bastante. Quem podia comprá, por que a mula era muito cara, com o tempo né.

**AL: Uhum.**

(...)

**AL: E quando o senhor era criança, assim tinha as brincadeiras que faziam pros irmãos, como é que era?**

VC: Era, o nosso, o nosso dia a dia, por exemplo, no domingo que não tinha nada era só i nos potrero brincá.

**AL: É, e que brincadeiras faziam?**

VC: É, nois fazia a brincadera assim de fazê carrinho. Brincá de carrinho ou í trepá nas árvore. Se balanceá, o balanço era nosso divertimento maior, era o balanço.

**AL: Ah, fazia com uma corda?**

VC: Uma corda ou nas árvore memo, um subia na árvore e daí a árvore...

**AL: Ah, a árvore balançava os galhos.**

VC: Os galho.

**AL: E também pega fruta e tal?**

VC: Fruta, fruta.

**AL: Ah. E também caçavam ?**

VC: O calçado nosso era o primero calçado que nós ganhemo, daí era, era uma alpargata. Não sei se tu ouviu falá?

**AL: Era de pano ?**

VC: Isto...

**AL: Pano. A sola é de corda ?**

VC: De corda.

**AL: Ah tá.**

VC: Aquele foi o primeiro calçado que nois ganhemo. Daí o primero nois, prá i nas festa tamém devia leva na mão pra não gastá. Nós ia com o calçado na mom, chegava lá perto da comunidade onde tinha festa, tinha um... nós tinha que i num tanque ou na água pra se lava os pé pra ponhá o calçado pra passá na festa. Depois quando terminava a festa, tirava o calçado e levava embora.

**AL: Ah normalmente andava de pé descalço ?**

VC: Pé descalço. Era 80, hi mais do que 90 por cento.

**AL: Mas eu perguntei se caçavam .**

VC: Caçá?

**AL: É, fazê cacada de bicho no mato.**

VC: Há sim. Calcula. Mais depois que a gente ficava um pouquinho grande comecemo caçá.

**AL: E tinha bastante animais no mato?**

VC: Sim. Aquele tempo era, a caça era abundante. Eu lembro do finado pai, quando eles vinham da roça assim perto da noite, ele dizia “vocêsem tratem os porco, mandava mãe faz a polenta e eu vou buscar o macuco”. Era um passarinhão.

**AL: Aham.**

VC: Tipo uma galinha que tava no mato. Há, ma ali um pouquinho ele vinha com o macuco

**AL: E aí comia?**

VC: Comia.

**AL: Fazia como é que, sopa, como é que é?**

VC: Não. A gente fritava ele.

**AL: Ah fritava.**

VC: Fritava assim de noite, e comia com polenta e radicci, assim salada.

**AL: Aham.**

VC: Era...Isso aí era abundante. Pesca tamém hã, não tinha perdê a viagem. Nós tinha o Rio Uruguai meio perto. O finado pai dizia, vocêsem ficam por ali, que eu vo pescá. Ma ele vinha com um baldinho, que tinha um baldinho assim além do cepo, cheio de peixe.

**AL: Ah, então ele ia seguido ali no Rio Uruguai ali pescá?**

VC: Sim. Ele ia pescá

**AL: Ahm.**

VC: Mas era a vivência, era caça e pesca, por que vai fazê o que. Não tinha outra...

**AL: É, tinha o que produzia né ?**

VC: É.

**AL: Ali pra complementar assim a carne geralmente vinha ali da caça e pesca.**

VC: Sim. É...

**AL: E aí comia com polenta, que era o milho de vocês mesmo?**

VC: Sim. Polenta era...

**AL: E a farinha tinha que leva em algum lugar fazer?**

VC: É. A farinha, primeros tempos nós fazia no pilão né.

**AL: Ah tá.**

VC: E depois, depois começô a aparecê os moinho né. Daí nós fazia nos moinho de pedra né.

**AL: Daí levava no moinho?**

VC: Levava no moinho e trazia a farinha.

**AL: E das caçadas ali o senhor tem alguma história pra contá talvez? De alguma caçada que fez?**

VC: Há, isso aí, depois que eu, que eu comecei eu... É primeros tempos, por exemplo, os véios, os pai, os mais véio iam caçá veado de domingo.

**AL: Aham.**

VC: Tinha veado, e era certo. Qualquer coisa reunia e fazia churrasco né. Ah, eu caçava, por exemplo, bem foi 1001 tamém, gostava tamém. Aquele tempo não era proibido, e era, parece que era...E hoje a gente tá arrependido, ma hoje não adianta mais. Matá aqueles passarinho, fazê as, como é que se diz, as arepucas prá pega os bichinho. Fazia ceva, depois ia lá matá eles. Era aquela coisa.

**AL: E, tive passando semana passada lá na terra do seu irmão.**

VC: Ah, lá no Ivanir ?

**AL: Isso. E aí a gente viu aquelas pedras, então gostaria que o senhor contasse um pouco daquelas...**

VC: Há.

**AL: História daquelas pedras.**

VC: Daquelas pedras, daquele nambu.

**AL: É.**

VC: Aquele nambu, olha eu quando eu comecei caça, o finado pai dava um taquarizinho que tinha.

**AL: O que era taquari?**

VC: Era. Era uma espingarda assim, só que tinha que carrega pela boca, né, ponhava pólvora, ponhava chumbo, uma espoleta ali no cano, depois atirá. Daí aquela história do nambu, foi até eu comentei depois de uns tempo. Foi engraçado por que ali naquelas pedra eu passava todo dia. Todo dia não, o dia que ia caçá. Sempre tinha aquele dito nambu cantando, e atirava nele e sumia, todo dia. E foi, vai um, vai outro, chegava lá, nois tinha um apitozinho, dava uma apitada e o nambu cantava assim tu enxergava, atirava, sumia o nambu.

**AL: Enxergava ele?**

VC: Aham.

**AL: Atirava e sumia.**

VC: Ma passô acho que um 2, 3 ano, eu passava ali, o nambu tava ali. Eu atirava e não adiantava, sempre sumia o nambu. E depois, ali uns tempo o finado pai comprô uma 36, espingarda de cartucho, né.

**AL: Uhum.**

VC: Daí, daí um dia ele disse pode, vai com a 36 caçá. Daí eu sei que carreguei 6 cartucho e fui, e “hoje vô matá o dito nambu, não quero nem sabê”. Cheguei lá, apitei, ela apitô. Daí atirei, sumiu. Dali a poco cantô do outro lado, atirei, cheguei, dei 4 tiro. Daí digo, “ma que que tem esse nambu?” Peguei, e ele correu assim parece que foi atrás de um pau torto assim, e ele se entocô, fui lá e peguei. Peguei ele esqueleto, esqueleto, um, um, ma não pesava 10 grama, aquilo lá.

**AL: Mas como assim ?**

VC: Parecia uma visagem. Não sei de tanto furá ele, de tanto chumbo que ele tomô assim sabe ele virô tipo um, um, um esqueleto assim, ma não pesava nada, nada.

**AL: Tinha teia lá também ou não ?**

VC: É, parecia tipo um algodão assim, um negócio assim tudo...

**AL: Mas que esquisito...**

VC: E tamém depois nunca ouvimo o nambu cantá.

**AL: Daí paro então ?**

VC: Paro.

**AL: Depois que pego ele.**

VC: É, nunca mais apareceu.

**AL: E foi lá perto das pedra?**

VC: Ma do lado ali.

**AL: Do lado das pedra?**

VC: Sempre ali. Eu passava ali prá caçá, e subia ali, tava sempre ali.

**AL: E o canto dele era igual aos outros nambu?**

VC: Mesma coisa.

**AL: E quando olhava também mesma coisa?**

VC: Sim, era uma nambu assim. Só que atirava nele, sumia. Daí tu pitava, ele pitava do outro lado. Atirava, sumia. Pitava, ele pitava do outro lado. Sempre assim.

**AL: Amm.**

VC: Até que aquele dia dei 4 tiro, e não adiantou, daí eu vi, parece que ele meio se acrocô e foi. Peguei ele. Ma aquilo lá era, sei lá se era um negócio de tanto tiro que recebeu virô em... e não morria. Ma que, eu pra mim até parecia uma visagem, não sei o que. Arguma coisa.

**AL: E teve alguma otra coisa estranha assim ali também ou não?**

VC: Ma prá mim só aquela do nambu, dali perto daquelas pedra.



**AL: Ah tá. E o que vocês achavam ser aquelas pedras e contavam?**

VC: Ma ali teve tanta história. Daquelas pedra que diziam. Os antigo, lá tinha um tal de Janguta, um dos primeros caboclos que andavam por lá, primeros morador que ele dizia que tinha a cabecera da sanga e 400 metro diz que tinha, dizia que tinha ouro, aquela cabecera ali. E dizia que tinha o sinal desta ditas pedras, diz que tinha cobra por lá. E um tal de Tino Rosa tamém, eu ouvia que eles falavam bastante dessas ditas pedras, que tinha ouro embaixo. Ma não, só via os cara falando assim.

**AL: Uhum. E o senhor soube que teve uma época que foi um pessoal lá e fez escavação nessa, lugar aí que tinha uma gruta né?**

VC: Não, ma não. Ali foi um irmão que tiro aquelas pedra depois. Foi...

**AL: Da, da terra de vocês?**

VC: Sim. A não, lá embaixo, onde...

**AL: Lá na gruta.**

VC: Lá embaixo sim, oh! Ma fico tempo lá, aquele povo lá.

**AL: E eles foram lá e tavam procurando ouro, o que que era?**

VC: Até inclusive um dia anunciaram, até a TV desceu lá, queriam, aquele dia aparecia panela não sei o que lá. Fui lá, mas não apareceu.

**AL: Há o senhor foi lá ver?**

VC: Não fui. Eu não cheguei a descer lá embaixo.

**AL: Há tá. Nunca foi lá então?**

VC: Nunca fui lá.

**AL: Que tem uma gruta lá.**

VC: Ma é gruta que eles fizeram. Eles fizeram cavocando aquilo lá.

**AL: Ah é?**

VC: Sim. Eles foram tirando pedra com a ruína, ma sei que durou tempo, durou uns dois anos aquilo lá, catando ouro né.

**AL: E o senhor lembra mais ou menos em que época foi aquilo ?**

VC: Ano 79, 80 por ali eu acho.

**AL: Há.**

VC: (...)

**AL: Nos anos 80 por ali ?**

VC: É por ali. (...). Dizem sei lá.

**AL: Se veio uma cara de fora.**

VC: É. E diz que pegô uma coisa e levo.

**AL: Que tem até um livro né ?**

VC: É.

**AL: Eu já vi esse livro. E, e essas pedras elas passam ali na propriedade é, como se fosse um caminho né ?**

VC: Um caminho.

**AL: Que ela passa.**

VC: Ela passa ali. Inclusive ela vem de uma outra comunidade que é a Sanga Rosa, pro lado de baixo. Passa lá tamém e segue.

**AL: Vai indo em direção ao Rio Uruguai né?**

VC: Vai em direção ao Rio Uruguai. Lá onde que eles cavocaram, lá embaixo.

**AL: E essas pedras aí, elas são interessante de vê, que elas tão tudo de pé assim né.**

VC: Aham. Bem de pezinho.

**AL: E ali então vocês tiraram uma parte né?**

VC: O Ivanir tiro fora lá. Inclusive foi um dia, eu tava na roça, ali onde tem a comunidade, agora tem ingreja lá, eu ia subindo daí tinha 2 cara, tinha um negócio, uma parede. Até nem sabia aquele tempo o que que era se era uma câmara, se era, o que que era. Daí eles tava filmando ali embaixo aquelas pedra lá, no Ivanir. Daí eu cheguei assim e disse, pedi né, digo “vocês são agrimensor, uma coisa medindo terra”. Diz “não, nósis tamo, nósis tamo fazendo uma pesquisa, eles disseram”. Ele disse “tu não sabe onde é que é as 40 pedra?” digo “é – digo – é lá onde vocês tão oiando, lá no fundo. Ma daqui de

cima”. “É, é dessa aí que nois tamo pesquisando.” Eles me falaram né, eram dois assim, dois estranho, nem sei o que que era aquilo lá, será uma câmara, se era o que que era.

**AL: Uhum. Ah tá. Então tem muitas história?**

VC: Muitas história sim. E tamém aqueles antigo lá, o veio Canote, ele e o Janguta contavam, diz que, que o dito ouro era na sanga seca, que diziam, na cabeceira da sanga seca.

**AL: E diziam do que que era esse ouro aí**

VC: Não, eles falavam só que tinha ouro. Diz que era uma panela de ouro, eles falavam. Sei lá, eu não sou muito de acreditá que tenha ouro escondido. Ma tem as histórias que diz que tinha né antigamente guardado né, e ...

**AL: É que eu alguma coisa que dizia que é dos Jesuítas.**

VC: É. Eram os Jesuítas que fizeram aquilo lá, não sei o que lá...

**AL: Uhum. E também tem umas histórias assim que ali por aquela gruta e tal teria coisas de luz que aparecia, já ouviu fala disso?**

VC: Eu ouvi, eu ouvi falá. O pessoal falava nisso aí, que aparecia, né, luz, alguma coisa assim.

**AL: E daí não sabia se era uma assombração ou o que?**

VC: É, se era, o que que era. Se era...

**AL: Ali do Rio Uruguai também contam as histórias assim de coisas, de luz.**

VC: É. Uhum.

**AL: Você já ouviu fala alguma dessas histórias aí?**

VC: É nois, inclusive ali na nossa frente, ma isso aí é, isso aí foi comentado, foi filmado aquilo lá. Aparecia no Rio Uruguai todo dia, subia tipo uma bolha né, subia assim, explodia aquilo lá, parecia um... é, falavam da dita roda, não sei. E aquilo abria, parecia uma água, água turva né, assim. Ma isso ia longe, e depois descia pro Uruguai. Cada duas ou três horas subia aquilo lá.

**AL: E dentro do rio?**

VC: Dentro do rio.

**AL: Seu irmão falou que tem tipo um círculo dentro do rio.**

VC: Há, aquilo é mais prá baixo. Um tipo de pedra né.

**AL: Ah tá. Isso é na volta grande?**

VC: É. Aquilo lá é na frente daquela gruta lá. Logo a par da ilha né. Ali tem um círculo bem redondo assim de pedra.

**AL: Hum. Esse que o senhor fala então era outro?**

VC: Não. Esse, esse ali era aqui, aqui mais prá cima onde eu morava ali. Aquilo vinha de dentro da água, até inclusive um, um cunhado meu, ele foi lá um dia prá pesquisa aquilo lá né, e daí ele diz que ele fico no mato assim. Diz que uma hora ele sai, diz que dali a pouco subiu aquilo lá, apareceu diz que tipo um, um negócio que parecia um tesoura assim, um bicho, parecia um bicho.

**AL: Um bicho ?**

VC: É. Parecia um tesoura assim, depois diz que desceu.

**AL: Dentro da água assim botô prá fora essa tesoura e depois desceu ?**

VC: É. Mas...

**AL: É grande esse bicho ?**

VC: É. Diz que era meio grande. Mas isso aí prá mim era um peixe muito grande. Acho que ele mexia no, embaixo alguma coisa e daí subia depois aquela água e fazia isso aí.

**AL: Ah.**

VC: Ma aparecia anos e anos, aparecia sempre aquilo lá. Isso aí é coisa que, negócio de...Ou podia se, por exemplo, uma vertente de água, que vinha ali e subia. Aquilo lá tamém. Não sei como é que é.

**AL: Aham. Mas é interessante essas histórias que contam do Rio Uruguai...**

VC: É.

**AL: Interessante em conhecer, até por que vai mudar agora, por causa da...**

VC: Da barragem.

**AL: Da barragem. Vai subir a água né.**

VC: Aham.

**AL: Pessoal tendo que se muda lá.**

VC: Há. É aquela roda ali, eu sei lá, prá era um peixe muito grande, que ele vinha ali de certo, prá hora dele escapá pro fundo, ele dava uma rebolada e depois subia aquilo lá. Do barro, de baixo. Vai sabe lá.

**AL: Há.**

VC: Por isso que meu cunhado via aquilo lá. Ele disse que parecia tipo um, uma anta. Ele dizia, ele falo tem anta, né que.

**AL: Hã.**

VC: Um bicho que fica na água né. Sei lá, era um bicho, diz que subiu junto com aquele coisa. Surgiu da água.

**AL: Anta, mas anta fica não fica só água né?**

VC: Sim, ela... Ma pode se que ela, ela descia no chão, mexia no barro, lá alguma coisa, e lá subia.

**AL: Aham.**

VC: E aparecia aquela dita, e tudo mundo falava que era ouro aquilo lá. “Ih aquele lá é ouro”, não sei o que lá... Aquilo lá era um bicho.

**AL: Gostavam de vê ouro por aí né?**

VC: É, ouro por aí. Isso daí eu acho que era um bicho, aquela roda que diziam.

**AL: E, e dos bicho assim que o senhor ia caçá e da... tinha muito animal selvagem ali em Caxambú ?**

VC: Assim os primeros tempo Deus o livre era...tu ia no mato assim, veado assim, tu mee enxergava por tudo na roça.

**AL: Ah é?**

VC: Paca, cutia. Nois ia caçá nos domingo, êh, quanto, nós fazia ceva.

**AL: Ceva é uma armadilha ?**

VC: É. Tu fazia, levava a comida, né, por exemplo, o milho. Elas vinham comê, tu fazia armadilha e pegava.

**AL: Ah.**

VC: Hi, ma vai lá quanta paca nois peguemo. Cutia também.

**AL: Aham. E onça também tinha?**

VC: Não. Onça eu nunca, eu sempre ouvia fala, ma não consegui vê. Vi o dito leãozinho baio. Aquele eu vi.

**AL: Ah, o senhor viu?**

VC: O leãozinho baio.

**AL: Como é que ele era?**

VC: Há, ele era tipo um, ele era um cachorrão sabe, só lanudo, né. E a carinha dele bem fininha.

**AL: Ah.**

VC: Aquele sim eu vi. Eu fui caçá um dia, e daí tinha um sabiá e tinha um árvore em cima, e atirei no sabiá assim, e o sabiá caiu, ma longe, uns dez metro. E quando fui pra pegá, aí ele correu e pegô. Me olhô assim, pegô aquele sabiá assim e me olho, mai... e virei em perna.

**AL: Do tamanho de um cachorro grande assim?**

VC: Cachorrão grande.

**AL: Só que daí a cabeça tem bastante pelo né?**

VC: É. Tem uma lâzona assim, a carinha...

**AL: Uma juba assim ?**

VC: É. A carinha dele é bem pelada assim na frente.

**AL: E a cara menos pelo e cor que ele é?**

VC: Branco.

**AL: Branco?**

VC: Branco sim. É não é branco sabe, meio amarelado sabe.

**AL: Ah amarelado isso.**

VC: Aquele eu vi. Ma onça essas coisas nunca, nunca... Falaram que tinha, ma nunca vi.

**AL: Hum. Então o leãozinho baio roubou o passarinho?**

VC: O sabiá aquele sim, aquele eu vi. Ma a única vez tamém.

**AL: Aham. Pego e fugiu?**

VC: Fugiu. Ma saiu que saiu fininho.

**AL: Há. E peixes no Rio Uruguai tinha bastante? Lembra que tipo de peixe que tinha?**

VC: Ma peixe nois pegava em tipo, tudo quanto era tipo. Surubi, jundiá, piava. Era só i pesca e faze ceva, né. Nois fazia ceva. Agora o surubi e jundiá nois ia assim qualquer lugar ali, boitava ali e jogava a isca e pegava.

**AL: E como é que era a armadilha que fazia pro peixes?**

VC: É o anzol né.

**AL: Ah só anzol?**

VC: Só no anzol.

**AL: A ceva então era botá um milho ou coisa ali pra botá os anzol perto isso ?**

VC: Não. Daí tu ia lá, tu cuidava né, pra i pescá.

**AL: Ah, tá.**

VC: Agora primero ano, primeros tempo que eu era pequeno, que o finado pai fazia a manguera.

**AL: Com taquara?**

VC: Não. Não, com pedra.

**AL: Pedra?**

VC: Por exemplo, vamo supor o Uruguai é esse aqui né, daí chegava num baxio, ajuntava pedra e fazia uma cercado assim.

**AL: Aham.**

VC: Daí fechava água. Daí fazia um portão e cevava aqui ponhava milho. Daí armava a portera e nois ia lá de noite, quando via que tinha peixe dentro, largava a portera. Uma armadilha né, com uma corda.

**AL: Isso, e a portera era feita de que, de madêra?**

VC: Madêra.

**AL: Madêra.**

VC: Madêra. Daí tu chegava...

**AL: Uma grade ou não?**

VC: ãh?

**AL: Tipo grade ?**

VC: Não, não, uma tábua.

**AL: Uma tábua mesmo ?**

VC: Tábua de pé. Nois é, o finado pai, eu não, eu ajudei fazê. Fazia a manguera de pé.

**AL: Aham.**

VC: Bem fechadinho. E cevava. Cevava uns quinze, vinte dia e depois armava aquilo lá. Daí ele, nós descia de noite lá, ficava lá um tempo, quando se via que tinha peixe dentro, largava a tampa, daí nois ia lá. Uma noite peguemo quatorze piava dentro. Tudo de dois quilo, três quilo.

**AL: Nossa.**

VC: Tavam dentro.

**AL: E aí botavam o anzol lá e...**

VC: Não, não.

**AL: Com a mão?**

VC: Com a mão. Era baixinho, a água batia assim c'o facão.

**AL: Facão. E aí facãozada lá e matava o peixe.**

VC: É. As piava ficavam correndo, não podiam saí, que tava fechado.



**AL: Aham.**

VC: E o pau também, o finado pai usava facão. Elas vinham assim com a lanterna. Só que, uma pancada na cabeça.

**AL: Há de noite faziam isso?**

VC: De noite. É por que de dia eles não vem, por causa enxergam a gente, né.

**AL: Sim.**

VC: Tem que sê de noite.

**AL: Tem que sê de noite ?**

VC: Senão nós fazia ceva, por exemplo, levava comida, quirela, milho. Amarrava né, fazia um feixe, amarrava e jogava no rio. Daí nós ia pescá. Aí elas vinham comê na ceva, e nós pegava.

**AL: E no, no anzol nem botava isca ?**

VC: Sim. Botava.

**AL: Botava a...**

VC: Botava polenta, minhoca, milho né.

**AL: Hum.**

VC: Elas vinham prá comê, físgava elas.

**AL: Uhum.**

VC: E se não, se é os outro peixes de coró, por exemplo, surubi, jundiá, pintado, essas coisa tu vai assim o, na sorte. Vai num lugar, pesca.

**AL: Ia de barco ou não ?**

VC: De barco.

**AL: De caico assim ?**

VC: Caico.

**AL: E aí ia no meio do rio lá e...**

VC: (...). Ou no barranco tamém.

**AL: Ah.**

VC: Ia no lugar assim meio fundo.

**AL: E o melhor lugar prá pega eles era mais fundo ?**

VC: Era mais fundo. Quanto mais fundo melhor.

**AL: E aí tinha que ter uma linha comprida no anzol ?**

VC: Linha comprida.

**AL: Pegava uns peixes bom aí?**

VC: E que tinha que te uma linha comprida, por que se tu pegava um grande, prá tu segura não tinha como, né. Daí tu tinha que largá a corda até cansá ele.

**AL: Ah.**

VC: Tinha que te, nois fazia tudo linha de cem metro.

**AL: Cem metros. Nossa!**

VC: Tudo hã... Isso pescá que tinha dez metro, ma tamém a linha era de cem metro.

**AL: E vocês tinham que, tinham aquele sistema prá puxá, enrolá cordinha assim ou não?**

VC: É sim.

**AL: No anzol, tinha?**

VC: Tinha o purungo que dizia. Era um purungo, desses purungo.

**AL: Purungo?**

VC: Era tipo um, esse que fazem cuia.

**AL: Sim, sim.**

VC: Daí tu não cortava, daí tu enliava a linha ali né.

**AL: Ah...**

VC: Daí tu ia soltando ali, por exemplo, se era dez metro, daí tu largava dez metro. Se fisgasse um peixe grande, daí tu não conseguia puxa ele prá cima.

**AL: Ah.**

VC: Daí tu tem que deixa ele corre, daí i largando a linha até cansa. Ia soltando linha.

**AL: Como é que fazia pra juntá, enrolá a linha ali nesse purungo?**

VC: Daí nois ia, ia trazendo ele.

**AL: Com a linha mesmo?**

VC: Com a linha.

**AL: Mas era difícil né?**

VC: Era difícil. É ruim. Não é que nem hoje com o...

**AL: É. Hoje tem aquele que gira.**

VC: Que gira.

**AL: E tal.**

VC: Não, aquele tempo era só ...

**AL: E o anzol era de taquara? De bambu, não?**

VC: Não. Não, na mão. Há tu diz o caniço ?

**AL: É.**

VC: Sim. Não, se era prá pesca na ceva, então era com caniço. Daí nois fazia com taquara. Fazia um caniço de taquara daí, ma ali é prá pega peixinho pequeno né.

**AL: Ah, tá.**

VC: Lambari, piava.

**AL: E os peixes grande daí não tinha.**

VC: Ah não. Os peixes tem que se na...

**AL: Só o purungo ali e cordinha na mão.**

VC: Cordinha na mão.

**AL: Ah tá. E esse linha como é que vocês faziam?**

VC: Cordinha nois tinha que compra. Primeros ano, primeros tempo nois fazia de caretel de linha.

**AL: Caretel de barbante assim ?**

VC: De barbante assim. Linha de costura ropa.

**AL: Aham. Daí era fraco daí né ?**

VC: É. Daí era fraquinho. Depois começô aparecê aquele tucum, não lembro

**AL: Como é que esse ?**

VC: Tucum é uma linha assim de, de, de algodão. Ma já vinha no comércio vinte, trinta, cinqüenta metro, um fecho né.

**AL: Ah. E essa era mais forte ?**

VC: Aquela era mais forte. Aquela era tipo um algodão.

**AL: Aham.**

VC: Depois começô a aparace aquele nylon, né, que tem até hoje.

**AL: Sim. Há mas que legal.**

VC: E foi ficando fácil.

**AL: E agora mudando um pouco de assunto, e, como é que era prá vocês estudar em Caxambú?**

VC: Estudá não era fácil não foi fácil. O meu tempo nós não tinha, tinha um tio nosso que ele ensinava nós a fazê as quatro conta. Tão nós de noite terminava de fazê o serviço, rezava o terço e depois nós ia lá no, no tio Jaco, nois chamava, que tá vivo até hoje.

**AL: Ah até hoje ?**

VC: Vai fazê noventa ano agora dia onze de junho.

**AL: Ele tá lá na Linha Ceccon ?**

VC: Ele tá ali do lado ali. Só que ele tá, tá inferno já, tá bem entregue. Daí ele chegava lá ensinava, nós se reunia os filho faziam o serviço, rezavam o terço e daí a mãe dizia “vamo lá no Jaco fazê, ensina fazê as conta”. Daí chegava lá, ele ensinava a fazê as conta, as quatro conta né. Somá, diminuí, vezes e dividido. Tá nois ia duas noite por semana, e as outras noite a mãe em casa, finada que morreu outro dia, ela ensinava o manuscrito.

**AL: Escreve né?**

VC: Não.

**AL: Não?**

VC: Ensinava o manuscrito, aquele o, era um livro escrito a mão, daí ela me ensinava as letra. O “abc” que se diz.

**AL: Sim.**

VC: Os livro daí fumo pra...

**AL: E que livro era esse ?**

VC: Um manuscrito. Esse não sei se tu...

**AL: E de que assunto que falava ?**

VC: Não sei. Eu conheço ele por manuscrito. Ele era um livro, um tal de escritor fazia né, daí dava, vendia pras comunidade pra ensiná pros filho.

**AL: ASh.**

VC: Ela, ele era escrito a mão né.

**AL: E não foi pra escola daí?**

VC: Tá, daí dois ano assim, daí depois a tia Gema, a outra irmã do tio Jaco, da mãe. Daí ela foi a São Calo fazê o, a quinta série. Daí ela foi lá, fez a quinta série, depois ela veio, volto, daí nós lá se reunimo os pai lá. Fizemo a escolinha daí, de pau a pique que dizem.

**AL: Sim.**

VC: Daí nois ia, ela ensinava a lê e escreve.

**AL: Ah, e daí era tudo meio que só da família aí ?**

VC: É. Tudo da família. Tudo...

**AL: Ah. Que a Linha toda ela é.**

VC: É. Toda Linha da família.

**AL: E estudaram ali até quantos anos ?**

VC: Daí eu mais dois ano. Daí até que eu me formei, fiz a quarta série, que diziam.

**AL: Sim. Aham.**

VC: Daí me formei, vai sabe, sabia fazê as quatro conta e escrevê.

**AL: Ah tá.**

VC: Tava formado. Aquele tempo a minha formatura foi aquela.

**AL: E daí depois foi adiante, daí estudô mais ?**

VC: Não. Não. Depois, assim foi indo. Daí veio os outros meus irmão, foi indo. Daí os, o delegado de lá, ele dizia “oia cada família tem direito de manda um filho estudá”.

**AL: Uhum.**

VC: Que seria na cidade. Daí o finado pai escolheu o tal de Ironi, que até hoje tem faculdade, ele é professor, é formado, já se aposentado, tudo. O único, os outros tinham que trabalha na roça.

**AL: Hum.**

VC: Pra dá a renda pro governo. Daí foi ele estudá e nós ficamos na fila, tudo, tudo nosso. Todos os outros só tem a quarta série. E dali sim depois dali de dois, três ano aí o, fizeram não sei que festa, iam fazendo festa coisa, até que fizeram uma escolinha de madeira.

**AL: Aham. Ah tá.**

VC: Daí os outros meus irmão já iam na escola de madeira. Uma escolinha boa. E aí a tia Gema, aquela, que era a dita professora ela ia, foi que ela fez o ginásio, daí ela ficou a professora na comunidade. Dava aula daí. Nossa, nossa escola foi aquela.

**AL: E como é que foi depois aí o senhor daí casou aqui em Caxambú?**

VC: É. Daí depois é quando tinha idade casei. Daí o finado pai me deu um pedacinho de terra lá e comecei fazê pra mim.

**AL: Ah tá. E quantos daí filhos o senhor tem?**

VC: Tenho três.

**AL: Três filhos. E tão todos aqui em Chapecó ?**

VC: É. Um que tá tocando aqui e o posto ali.

**AL: Sim.**

VC: E o outro é advogado. E a filha ficô na roça.

**AL: Há. E lá em Caxambú ela tá ?**

VC: Ela tá lá.

**AL: Tá lá.**

VC: Ela caso né. E tem, tenho dois neto.

**AL: Ah.**

VC: Ela tá... ela tá bem lá. Ela tem, bastante vaca de leite, tem galinhêro.

**AL: E por que o senhor resolveu vir pra cá ?**

VC: É...

**AL: Pra cá prá Chapecó ?**

VC: Eu fui ali em noventa e quatro, né. Até o Lauro já tava fazendo faculdade e o Loir tava, era gerente do posto e da comunidade, (...)

**AL: Ah tá.**

VC: E daí apareceu esse negócio aqui né, de ponhá o bar aqui na faculdade, né

**AL: Sim.**

VC: Inclusive o Lauro fazia faculdade aqui né, esse barzinho tava lá no fundo. Daí ele trabaiava no barzinho e dava dinheiro né, o dono do barzinho aqui. Daí um dia ele chegou em casa, “pai o home quá vendê aquilo lá, vamo comprá”. E daí foi que então o meu sobrinho aquele que tá lá no posto, Müller aquele meu sobrinho.

**AL: Ah.**

VC: Chegô lá e fizemo reunião lá, eu tinha um pouco de troco, vamo lá e compramo e vamo.

**AL: E aí venderam a terra?**

VC: Não. Não.

**AL: Não?**

VC: Não, eu tinha uns troquinho lá. Daí vendi uma parte lá prá depois pagá, né.

**AL: Aham.**

VC: Vendi, ma eu tinha oito, oito mil conto de réis, era cruzêro, oito mil cruzêro. Daí o cara disse me dá oito mil de entrada e o resto te faço, me paga quando tem dinhêro. Ma daí eu já tinha trator, tinha bastante tinha vaca, tinha o carro. Daí paguemo vinte mil, vinte mil conto de réis aqui, aquela vez. Daí...

**AL: Reais daí?**

VC: É, daí oito nois demo de entrada lá e depois os outro nóis, vendi o trator, vendi as vaca, vendi o carro e paguei.

**AL: Daí tem alguém que cuida lá o que sobrou da terra?**

VC: Não. Não.

**AL: Não?**

VC: Tá lá abandonada.

**AL: Ah abandonada.**

VC: Abandonada.

**AL: E o senhor sente saudades lá de Caxambú?**

VC: Deus o livre. Eu sairia daqui hoje i lá trabalha a pé. Inclusive sexta fera peguei o carro e desci lá só pra fica lá, passa o dia lá no meio das árvore. Ma fico tudo abandonado sabe.

**AL: Ah.**

VC: Só que eu não tenho mais casa lá, eu truxe. Comprei terreno, fiz a casa aqui.

**AL: Ah. Trouxeram a casa de lá daí?**



VC: Sim.

**AL: Ah. Ah sim.**

VC: Em noventa e quatro veio as pi lazada, vinheram os dois prá cá. Daí eu fui, a cas...a Sandra casou.

**AL: É sua filha né?**

VC: É. Só filha mulher. Os piá diz “não venha pra cá pai”. Daí me truxeram prá cá. Daí comecei a ajudá eles aqui e até hoje to aí.

**AL: Aham.**

VC: Daí fomo construindo aqui, fomo imendendo e até hoje.

**AL: E o senhor poderia contar um pouco assim como é que foi do casamento de vocês? Como é que foi que conheceu a esposa?**

VC: O casamento foi a primera mulher que eu namorei. Foi meio interessante até. É, eu comecei assim numa brincadera namorá ela. Tava junto no futebol né, daí e eu vi que ela chegou assim, tinha um... um tanque assim de se lavá na comunidade. Já tinha a comunidade formada aquela vez já, quando eu já tinha vinte e dois anos. Eu vi aquela menina que chego assim e foi lá. Daí eu joguei bola assim, daí eu desci de calção assim e cheguei no tanque lá me lavá, né. Daí comecei, me lavei assim e ela tava ali do lado, me oiava assim. Daí ela disse “vai pra casa?”, digo “eu vô”. “Só - digo – me lavo e vô embora”, “e dá pra i junto?”, “ah - digo - você que sabe”. Por que era assim a comunidade aqui, e ela morava que nem aqui, e eu morava que nem aqui. Daí invés de ela desce aqui, ela veio junto comigo. Daí fomo junto papeando, eu fui levá ela pra casa, e lá... Daí no outro domingo ela veio na comunidade, daí eu pedi pra i lá junto. Daí pedi ela em namoro. Namorei ela um ano e meio, daí casei e até hoje.

**AL: Ah.**

VC: Tô casado. Foi fácil, a primera que eu namorei e a única.

**AL: Ah.**

VC: Só teve aquela guria.

**AL: Como é que é o nome dela ?**

VC: Zerdira.

**AL: Zerdira...**

VC: É Jandira. Mas...

**AL: Jandira?**

VC: Jandira Zanuza.

**AL: Zanuza.**

VC: Ela...O nome dela é Jandira. Só que o finado sogro foi registrá ela, ele bebia bastante, ele tava bêbado e se enganou e disse Zerdira.

**AL: Daí tá escrito Zerdira?**

VC: Zerdira nos documento Zerdira.

**AL: Era pra ser Jandira.**

VC: Jandira.

**AL: Ah....**

VC: Inclusive ela perdeu aposentadoria por causa disso.

**AL: Olha só.**

VC: É por que, nós tava aqui né, e daí foram pesquisa lá né, na vizinha do lado, assim chegaram “escuta diz a Zerdira moro aqui?” “Não, aqui não morô Zerdira”.

**AL: Ah meu Deus.**

VC: Ela não sabia tamém.

**AL: Sim.**

VC: Ela sem culpa.

**AL: Sim, sim. Daí costumam chamar de Jandira.**

VC: Jandira. O nome dela é Jandira.

**AL: E ela de que família ela é?**

VC: Zanuzo.

**AL: Zanuzo. Que é italiano também?**

VC: Italiano.

**AL: Ah tá.**

VC: Depois entremo na justiça e conseguimos revertê.

**AL: Ah tá. E aquela vez daí, do casamento como é que foi? Tinha festa, como é que foi?**

VC: Há sim. Isso aí era costume. Era, por exemplo, marcava o casamento, daí a festa, o café era no... Todos convidado iam na casa da noiva tomá café. Daí todos iam pra igreja. Fazia casamento. Depois ia na casa do noivo fazê a festa do dia.

**AL: O almoço?**

VC: Almoço. Churrasco. E ali é... As vez durava até no outro dia. Era bem divertido aquele tempo. Não é que nem hoje.

**AL: Isso foi que ano o casamento de vocês?**

VC: Sessenta e sete. Sessenta e sete casei.

**AL: E a luz elétrica chegou que ano?**

VC: Chego no oitenta e dois.

**AL: Ah, ficaram um bom tempo ainda.**

VC: É. Um bom tempo no escuro. Na base da, do “chiaretto” que diziam

**AL: É...**

VC: Lamparina.

**AL: E daí foi tranquilo prá daí fazer a sua família assim? Ganhô terra do pai?**

VC: É. Daí eu ganhei, do finado pai, ganhei cinco alqueire né. Daí aquele tempo tinha mato em quantia né. Dai eu cortei umas árvore lá, serrei umas tábua lá, fiz a casinha. E já fui lá mora na minha terra. Daí fui começando.

**AL: Ah.**

VC: (...). É depois fazendo safra. Daí fui comprando mais terra. Comprei mais... É fui, cheguei a trinta hectare.

**AL: Ahm.**

VC: Inclusive já tinha trator, tinha tudo maquinário. Depois esse negócio aqui. Daí...

**AL: Uhum.**

VC: Mudemo prá cá. Prá cidade.

**AL: Mas então tá jóia. Então acho que por enquanto a gente encerra a nossa entrevista. Quem sabe continuamos outro dia.**

VC: Outro dia, então tá bom.

**AL: Mas eu agradeço muito pela colaboração .**

VC: Prá mim foi honra. Isso aí, uma entrevista assim. Até que é bom, né, inclusive a gente...

**AL: Vai lembrando.**

VC: Vai lembrando as coisa. Se tu não fali, falava assim eu nunca ia lembrá das coisa de...

**AL: Ah.**

VC: Antigamente.

**AL: Mas tá jóia então. Muito obrigado então.**

VC: Eu que agradeço.